



O “EXÍLIO VOLUNTÁRIO” DO POETA: UMA EPÍSTOLA DE PÚCHKIN A OVÍDIO

THE SELF-EXILED POET: PUSHKIN’S EPISTLE TO OVID

Alice Vieira Barros*

* alicevieirabarros@gmail.com
Doutoranda em Teoria da Literatura e Literatura Comparada pela
UFMG.

Resumo: Este trabalho consiste numa proposta de tradução poética direta (russo-português), da epístola do poeta russo Alekandr Púchkin (1799-1837) ao poeta romano Públio Ovídio Nasão (43 a.C. – 17/18 d.C.). O poema-epístola de Púchkin foi escrito na ocasião do exílio do autor na Moldávia, em 1821, coincidentemente na mesma região em que Ovídio havia sido exilado por decreto do imperador Augusto em 8 d.C. O poema tece uma comparação entre os destinos dos dois poetas exilados, demarcando uma espécie de tentativa de diferenciação de Púchkin com relação a Ovídio, a partir da construção de um *self* de poeta que se assimila ao herói romântico-byroniano Childe Harold e à figura do “exilado voluntário” que o personagem de Byron representa.

Palavras-chave: Púchkin; Ovídio; exílio.

ABSTRACT: We are proposing a poetic translation (Russian-Portuguese) of the epistle written by the Russian poet Alexander Pushkin (1799-1837) to the Roman poet Publius Ovidius Naso (43 BC – 17/18 AD). The epistle was written in the occasion of Pushkin’s exile in Moldova, in 1821, coincidentally the same region where Ovid had been exiled by Emperor Augustus’ order in 8 AD. The poem develops a comparison between the poets’ destinies and also presents Pushkin’s attempt to differentiate his poetic *self* from Ovid’s, by approximating his poetic *self* to the Byronic and Romantic hero Childe Harold and the *self-exiled* figure who Byron’s character represents.

Keywords: Pushkin; Ovid; exile.

A epístola a Ovídio foi escrita em 1821, quando o poeta russo Aleksandr Púchkin (1799-1837) foi exilado na Moldávia. Coincidentemente, em 8 d.C., o poeta Públio Ovídio Nasão havia sido exilado na mesma região, por decreto do imperador Augusto. No poema dedicado a Ovídio, Púchkin trava um intenso diálogo intertextual com os *Tristia* (conjunto de elegias escritas por Ovídio no período de exílio). Para fazer a tradução do poema de Púchkin, consulte a excelente tradução dos *Tristia* realizada pela doutora em Literaturas Clássicas e Medievais Júlia Batista Castilho de Avellar, disponível na sua tese de doutorado intitulada *Uma teoria ovidiana da literatura: os Tristia como epitáfio de um poeta-leitor* (UFMG: Belo Horizonte, 2019).

É interessante notar como o sujeito lírico do poema tenta modelar o seu próprio *self* de poeta exilado diferenciando-se de Ovídio: Púchkin intitula-se um “eslavo severo” e um “exilado voluntário”, como se debochasse da postura lamuriosa e suplicante de Ovídio frente ao imperador Augusto nos *Tristia*. A figura do “exilado voluntário” é, evidentemente, uma máscara poética. Sabe-se que o exílio do poeta consistiu numa efetiva expulsão de São Petersburgo, porque seus poemas subversivos de cunho liberal e de crítica à autocracia já causavam bastante incômodo no tsar Nicolau I.

É possível especular que esta máscara poética do “exilado voluntário” tenha uma inspiração byroniana e romântica. O círculo de poemas produzidos neste exílio ao sul da Rússia é marcado por bastante influência da poesia de Byron, como é possível verificar no poema <<*Pogaslo Dvenoe Svetilo*>> (1820), em que há referências muito claras às *Peregrinações de Childe Harold* (1812-1818). Childe Harold é o famoso protagonista do poema narrativo de Lord Byron: a figura de um aristocrata entediado que decide sair em viagem pelo mundo, numa espécie de exílio voluntário de sua terra. Púchkin tenta, portanto, ao apresentar-se como um exilado voluntário, aproximar seu *self* poético do herói byroniano das *Peregrinações de Childe Harold*, e afastar-se da figura do autor exilado que se lamenta e que implora pela piedade de Augusto. Uma leitura possível consiste em pensar que se trata de um modo de Púchkin testemunhar poeticamente, de maneira algo velada, o desejo de nunca implorar pela piedade do tsar Nicolau I e uma postura de insubmissão política.

Esta é uma tradução poética. Escolhi propositalmente a forma dos dodecassílabos brancos. A escolha dos versos brancos foi inspirada em poemas famosos da nossa tradição romântica de inspiração byroniana, como a elegia o “Cântico do Calvário”, de Fagundes Varela (1841-1875). A

escolha dos versos alexandrinos foi uma saída para lidar com a extensão dos versos originais do poema em russo, tendo em vista necessidade de adaptação do esquema rítmico da poesia russa, estruturado em pés (alternância entre sílabas breves e longas) a uma estrutura rítmica silábica, tal como empregada em Língua Portuguesa. Os versos alexandrinos foram também utilizados pelo próprio Varela e, portanto, não são alheios à tradição da nossa poesia romântica do século XIX.

Os desvios criativos com relação ao original em russo são esclarecidos em nota sempre que necessário. Com total liberdade e para dialogar com a tradição tradutória de poesia russa no Brasil, emprego, por exemplo, a expressão “concerto de adeus”, que não está presente no poema de Púchkin, tecendo um diálogo intertextual com a famosa tradução que Haroldo de Campos e Boris Schnaiderman fizeram do poeta Maiakóvski no poema “A flauta-vértebra”.

A OVÍDIO

[A. S. PÚCHKIN, 1821]

Ovídio, eu vivo perto das quietas margens
Para as quais os teus pátrios deuses exilados
Tu outrora trouxeste e onde tua cinza deixaste.

Teu pranto sombrio glorificou estas terras;
E a terna voz da lira ainda não se calou;
Estes confins ainda estão cheios de tua fama.
Tu deixaste a impressão de um tétrico deserto
Em minha imaginação, a prisão do poeta,
O arco enevoadado dos céus, as neves usuais
E os prados pelo breve calor aquecidos.
Tantas vezes, entusiasmado pela lira¹,
Eu com o coração segui, Ovídio, a ti!
Eu avistei teu navio, com as vagas que brincam
E a âncora, lançada junto às margens selvagens
Onde espera o atroz prêmio do bardo do amor.
Lá há campos sem sombra; colinas sem uva;
Nascidos na neve para o horror da guerra,
Lá da fria Cítia os seus enfurecidos filhos,
Escondidos no Ister, espólios esperavam
E às aldeias a cada instante aterrorizavam.
Nada os atrapalhava: na guerra eles nadam
E sobre o sonoro gelo intrépidos vão.
Tu (admira-te, Nasão, do inconstante fado!)
Desde a tenra idade as armas desprezava,
Habitado às rosas a coroar teus cabelos
E à felicidade conduzir os teus ócios,
Forçaram-te a colocar um elmo pesado
E terrível espada junto à lira temente.
Nem filha, nem esposa, nem os fiéis amigos,

1. Numa paráfrase literal: “entusiasmado pelo jogo das desalentadas cordas”.

Nem musas, amigas fáceis de antigos dias,
 Consolaram as mágoas do cantor exilado.
 Debalde as Graças os teus poemas coroaram,
 Em vão os moços se lembravam deles de cor:
 Nem glória, nem verão, nem queixas, nem tristeza,
 Nem tocam as acanhadas canções de Otávio;
 Teus dias de velhice no esquecimento afundam-se.
 O suntuoso cidadão dourado da Itália
 Entre getas e sármatas² obscuro e só,
 Tu não escutas os sons da pátria ao redor;
 Tu, sem amigos, amargurado, escreves:
 “Oh, devolvam-me o sagrado granizo pátrio
 E as sombras calmas dos jardins hereditários!
 Oh, amigos, levem a Augusto os meus apelos,
 Comovam a punitiva mão com as lágrimas,
 Mas se o deus colérico seguir implacável,
 E nunca mais eu puder te ver, grande Roma, —
 Mesmo que o fado ímpio suavize a última súplica,
 Aproximem meu féretro da bela Itália!”
 De quem é o frio coração, um órfão³ das Graças,
 Que te repreende as lágrimas e desalento?
 Quem no orgulho rude lerá sem comoção
 Esta elegia, as tuas derradeiras criações,
 Onde legas ao futuro o lamento vão?
 Um eslavo severo, eu não verti lágrimas,
 Mas as compreendo; exilado voluntário

E descontente com tudo e consigo mesmo,
 Com a alma pensativa eu hoje visitei
 O país onde outrora a triste vida arrastaste.
 Aqui, revivendo contigo as fantasias,
 Eu repeti os cânticos que entoaste, Ovídio,
 E acreditei no quadro taciturno deles;
 Mas o olho transformou os sonhos iludidos,
 Teu exílio secretamente atraiu os olhos
 Adaptados para as sombrias neves noturnas.
 Aqui por muito tempo brilha o azul do céu;
 Aqui as tempestades inverniais pouco duram.
 Há, nas margens da Cítia, um novo emigrante,
 Um filho do sul, a uva púrpura cintila.
 Já o nebuloso dezembro nos prados russos
 Com as macias crostas de neve se estendia;
 Lá o inverno reina — mas com o calor vernal
 Aqui o sol luminoso sobre mim rolava;
 De verde jovem matiza-se o prado murcho;
 Já o primeiro arado estourava os campos livres;
 Uma leve brisa sob a noite que esfria,
 O gelo diáfano sobre o lago que turva
 Cobria de cristal os jatos que não se movem.
 Eu me lembrei das tuas tímidas experiências,
 Este dia, pelo entusiasmo alado marcado,
 Quando tu, perplexo, enfim depositaste
 Teus passos sobre as ondas, presa do inverno...

2. Numa paráfrase literal: “na pátria dos bárbaros desconhecido e só”.

3. Numa paráfrase literal: “pelas Graças desprezado”.

4. Numa paráfrase literal: “como um longo lamento de despedida”.

E pisando o gelo, surgia, diante de mim
 A tua sombra deslizava, e os sons plangentes
 Soavam longe, qual triste concerto de adeus⁴.
 Consola-te, não murchará a coroa de Ovídio!
 Já a minha entre a turba infelizmente se perde,
 A posteridade não lembrará quem fui,
 E, vítima sombria, meu gênio morrerá
 Com uma vida triste, uma breve fama...
 Mas se meu descendente tardio, ao saber
 De mim, vier procurar neste distante país
 Junto à gloriosa cinza os isolados rastros —
 Abandonando as margens frias do esquecimento,
 Perto dele pousará minha sombra grata,
 E sua lembrança permanecerá querida.
 Sim, irá persistir a misteriosa lenda:
 Como tu, rival submisso do destino.
 Eu fui igual a ti na sorte, não na glória.
 Aqui, na lira nórdica os ermos cantando,
 Eu vagava, como na margem do Danúbio
 O honrado grego desejava a liberdade,
 E nem mesmo um amigo podia me escutar;
 Mas os montes, campos e sonolentos bosques
 E as plácidas musas me foram favoráveis⁵.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Homero Freitas de. Cronologia da vida e obra de A.S. Púchkin. In: **Caderno de Literatura e Cultura Russa**. FFLCH-USP. n.1. Ateliê Editorial: São Paulo, 2004.

ALMEIDA, Paula Costa Vaz de. **O meu Púchkin de Marina Tsvetáieva: tradução e apresentação**. 2008. Dissertação de mestrado em Literatura e Cultura Russa. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.

AVELLAR, Júlia Batista de Castilho. **Uma teoria ovidiana da literatura: os Tristia como epitáfio de um poeta-leitor**. 2019. Tese de doutorado em Literaturas Clássicas e Medievais. Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2019.

CAMPOS, Haroldo. Púchkin: a poesia da gramática. In: **Caderno de Literatura e Cultura Russa**. FFLCH-USP. n.1. Ateliê Editorial: São Paulo, 2004.

MAIAKÓVSKI, Vladímir. **Poemas**. Trad. Augusto de Campos, Haroldo de Campos e Boris Schnaiderman. Editora Perspectiva: São Paulo, 2008.

5. Numa paráfrase literal: “Mas as colinas estranhas, os campos e os bosques sonolentos/ E as pacíficas musas me foram favoráveis”.

O'NEIL, Catherine B. Childe Harold in Crimea: The Byronic Sea Voyage in Russian and Polish Romanticism. **Keats-Shelley Journal**. vol. 56 (2006), p. 78-99.

Poesia Russa Moderna. Trad. Augusto de Campos, Haroldo de Campos, Boris Schnaiderman. Perspectiva: 2017, São Paulo.

POUCHKINE, Alexandre. **Избранная поэзия в переводах на французский язык. Издательство <<Радуга>>: Москва, 1999.**

ПУШКИН, Aleksandr. **Полное собрание сочинений в 10-ти томах. Стихотворения 1820-1826. Издатель Академик Наук СССР: Москва-Ленинград, 1950.**

PUSHKIN, Aleksander. **Collected Narrative and Lyrical Poetry**. Editado e traduzido por Walter Arndt. Ardis Publishers: 1984.

PUSHKIN, Alexander. **Selected works poetry**. Raduga Publishers: Moscow, 2001.

Recebido em: 24-03-2021.

Aceito em: 10-09-2021.